

ASPECTOS QUANTITATIVOS DO LÉXICO NOMINAL DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (1)

Francis Henrik Aubert

Objetivos:

A despeito de terem sido dignificados nos últimos anos com sua elevação à categoria de objeto de estudos semióticos (Fresnault-Deruelle, 1972), é ainda voz corrente entre pais e mestres constituírem as histórias em quadrinhos (HQ) um fator de empobrecimento lingüístico, desviando seus aficcionados, sobretudo a população infanto-juvenil, das “boas leituras” onde poderiam buscar os melhores padrões de vocabulário, sintaxe e estilo. Não pretendemos aqui entrar no mérito de tal questão (vide Cirne, 1970; Preti, 1973; Anselmo, 1975), mas apenas fornecer alguns subsídios para sua solução. Especificamente, nosso objetivo será o de analisar alguns aspectos do vocabulário nominal dos textos das HQ, fornecendo dados quantitativos que, esperamos, permitirão comparações com dados equivalentes de outros textos e discursos (p. ex. textos de livros didáticos, amostragens do léxico ativo e passivo da população infanto-juvenil alfabetizada, etc.), comparações estas que poderão constituir uma base objetiva para a avaliação qualitativa das HQ.

No presente trabalho, examinar-se-á o léxico nominal (substantivos comuns e nomes próprios) das HQ, visando determinar: a) a riqueza (ou variedade) lexical, tal como vem expressa na relação ocorrência/vocábulo (N/V); b) a frequência de emprego de cada subclasse lexical com relação ao total de ocorrências; c) os contextos homosintagmáticos das unidades lexicais, ou, mais precisamente, as estruturas de sintagma nominal efetivamente utilizadas e suas frequências; d) a distribuição funcional das unidades lexicais.

Procedimentos:

O corpus foi constituído sobre 48 revistas, divididas em dois grupos. O grupo A inclui seis publicações que por sua natureza te-

(1) — A pesquisa aqui apresentada faz parte de um projeto maior, sobre o léxico nominal das HQ publicadas no Brasil.

mática julgamos destinada a um público juvenil: *Mandrake*, *Zorro*, *Fantasma*, *Tarzan*, *Superhomem* e *Batman*, cada publicação sendo representada por quatro números. O grupo B inclui seis publicações que foram julgadas pelo pesquisador como destinadas sobretudo a um público leitor infantil: revistas de Walt Disney — *O Pato Donald*, *Zé Carioca*, *Mickey* e *Almanaque Tio Patinhas* (um número de cada revista) —; *Recruta Zero* (4 números); *Papai Noel* (4 números); *Mindinho* (4 números); *Mônica* (4 números); e o grupo constituído das revistas *Riquinho* (um número), *Brotoeja* (um número) e *Tininha* (2 números). A época de publicação se estende de março de 1972 a junho de 1973.

Em cada número levantou-se por amostragem aleatória 250 ocorrências de vocábulos nacionais (substantivos, qualificativos e verbos, excluindo-se, pois, os advérbios, mesmo os derivados em *mente*) perfazendo um total de 12.000 ocorrências (6.000 por grupo). Todas as ocorrências foram retiradas de falas ou pensamentos de personagens inseridos nos “balões”, não sendo considerados os textos de ligação do tipo “dias depois. ”, “enquanto isso. ” nem as onomatopéias.

A respeito do corpus cumpre observar que *Papai Noel* e *Mindinho* pouco tempo depois da conclusão do levantamento saíram de circulação, suas estórias reaparecendo mais recentemente noutras publicações por outra editora. A produção nacional, na época representada apenas pela revista *Mônica* e, em parte por *Zé Carioca* (2), nestes últimos três anos vem sendo incrementada e hoje representa uma parcela ainda reduzida mas de qualquer forma mais significativa das publicações oferecidas ao público. Ainda, se a divisão em grupos A e B permanece talvez válida de um ponto de vista temático, o critério de faixa etária teria provavelmente de ser revisto (3)

A unidade de contagem adotada foi o vocábulo, entendido como a forma neutra do verbete de dicionário. Todas as flexões foram reduzidas a esta forma neutra. Observe-se que o gênero, mesmo em oposições do tipo *menino/menina*, foi considerado como elemento constitutivo do vocábulo substantivo. Da mesma maneira, a flexão de grau, de acordo com a posição de Mattoso Câmara (1970), foi considerada como derivacional, constituindo, pois, novas unidades vo-

(2) — De acordo com Anselmo (1975), muitas das estórias das demais publicações seriam criadas no Brasil, embora os direitos autorais continuem pertencendo aos autores ou sindicatos de autores norte-americanos. Embora tal fato deva ter consequência lingüística, dada a inexistência nos textos de qualquer referência à nacionalidade do autor real de cada estória, não nos julgamos em condições de operar com a variável nacional/traduzido.

(3) — A propósito, veja-se Anselmo (1975), cap. VIII.

cabulares. As chamadas palavras compostas, desde que ligadas por hífen, foram contadas como uma só unidade lexical. Quanto aos verbos, contou-se uma única unidade lexical para as formas de tempo composto, voz passiva e de futuro com *ir*, todas as demais locuções sendo desdobradas.

Consideramos como substantivos toda unidade dotada de gênero específico exercendo a função de núcleo de sintagma nominal, prevalecendo, nos casos dúbios, o critério funcional. Assim, foram incluídos na categoria de substantivos os infinitivos em função substantiva (função esta revelada pela posição e/ou pela presença de determinantes artigos, demonstrativos, etc.), qualificativos substantivados, e similares. Nestes casos, para cada função corresponde um verbete.

Julgamos a priori relevante contabilizar a parte os substantivos próprios, em parte porque nomes e apelidos de personagens não raro são calcados sobre substantivos comuns (*Fantasma, Cebolinha, Pateta*, etc.), sendo obviamente inadequado atribuir as ocorrências a uma mesma unidade lexical; e, sobretudo, por suspeitarmos que o emprego funcional do nome próprio apresentaria tendências diversas do dos substantivos comuns. Como se verá adiante, tal suposição foi amplamente confirmada. Os nomes próprios compostos foram contabilizados como constituindo uma unidade, independentemente da presença de sinal gráfico de união.

Em seqüências como *senhor juiz, tio Patinhas*, admitimos a existência de um desdobramento do núcleo do sintagma nominal. Assim, *senhor, juiz*, e *tio* seriam lançados na lista dos substantivos comuns, e *Patinhas* na dos nomes próprios.

Resultados e Discussão:

A Tabela I mostra as freqüências de substantivos comuns e nomes próprios em ambos os grupos, em termos de vocábulos, ocorrências e da relação N/V. Observa-se que os vocábulos em função substantiva, considerados como um todo, apresentam uma freqüência de emprego praticamente idêntico nos dois grupos, a relação N/V sendo de 2,27 para o grupo A e de 2,26 para o grupo B, o que equivale a uma média de quatro vocábulos substantivos distintos em cada nove ocorrências.

Relação vocábulo (V)/ocorrência (N)

das unidades em função substantiva

	GRUPO A			GRUPO B		
	Comuns	Próprios	Total	Comuns	Próprios	Total
V	955	199	1154	978	109	1087
N	2140	481	2621	2156	303	2459
N/V	2,24	2,42	2,27	2,21	2,78	2,26

Tabela I

Fazendo-se a distinção entre substantivos comuns e nomes próprios nota-se, porém, que, se os comuns se enquadram na tendência geral, os próprios apresentam uma frequência de emprego sensivelmente maior, o índice sendo de 2,42 no grupo A e chegando a 2,78 no grupo B.

Tal fato, no entanto, não chega a surpreender. Toda HQ apresenta um número limitado de personagens, alguns dos quais (o herói e seus companheiros) reaparecem em muitas, se não em todas as HQ da publicação. O fato do índice de repetição ser ainda maior para o grupo B se deve possivelmente ao fato de que, nas revistas infantis, os personagens constituem famílias e grupos sociais com um número de componentes estável. Já nas juvenis, afóra um núcleo constante de duas a três pessoas (o herói, seu auxiliar, eventualmente sua noiva), o restante do elenco em geral varia de estória para estória.

Examinando-se a ocorrência por classe lexical em relação ao total de ocorrências (Tabela II), verifica-se que os substantivos comuns apresentam uma incidência bastante equilibrada entre os dois grupos, sem desvios significativos (Khi Quadrado de 0,044) Já para os nomes próprios o teste de Pearson revela um Khi Quadrado superior a 21, indicando uma probabilidade inferior a 0,001 da diferença entre os grupos ser casual (operamos com um limiar de probabilidade de 0,05. Não dispomos de dados que nos dêem uma explicação cabal para este fato. No entanto, valeria quiçá lembrar que os personagens das revistas do grupo B, constituindo grupos familiares ou de amizade/vizinhança relativamente estáveis, reaparecendo de estória para estória, são portanto conhecidos dos leitores, não necessitando serem reiteradamente identificados. O oposto se aplicaria para as revistas do grupo A.

Total de ocorrências lexicais
por classe

	Grupo A		Grupo B		Total	
	N	%	N	%	N	%
Subst. Comuns	2140	35,67	2156	35,93	4296	35,80
Subst. Próprios	481	8,02	303	5,05	784	6,53
Qualificativos	507	8,45	537	8,95	1044	8,70
Verbos	2872	47,87	3004	50,07	5876	48,97
Total	6000	—	6000	—	12000	—

Tabela II

Os substantivos, como núcleos (N) de sintagma nominal, podem vir acompanhados de determinações gramaticais (Det) — artigos, numerais, indefinidos, demonstrativos, possessivos — e de expansões adjetivas (Ad). Determinantes e adjetivações, que constituem o contexto homossintagmático dos substantivos, são elementos facultativos, em termos do sistema lingüístico do português (embora, numa situação específica, possam ser imprescindíveis), encontrando-se, pois, quatro tipos de sintagmas nominais: a) N; b) Det + N; c) N + Ad; d) Det + N + Ad. Via de regra, os determinantes precedem o substantivo e as adjetivações são por este precedido. No entanto, pode haver não só anteposição do elemento adjetivo, desde que se trate de uma unidade vocabular (qualificativo), como também posposição de certos determinantes, como por exemplo em

Det + Ad + N + Det

um grande favor seu

Contexto homossintagmático
dos substantivos

	Grupo A			Grupo B		
	Comuns	Próprios	Total	Comuns	Próprios	Total
N	487	401	888	548	196	744
n	469	389	858	531	181	712
n + n	18	12	30	17	15	32
Det + N	1109	73	1182	1081	105	1186
d + n	1009	55	1064	965	86	1051
d + d + n	68	1	69	78	3	81

d + d + d + n	1	—	1	3	—	3
n + d	6	—	6	5	—	5
d + n + d	6	—	6	10	—	10
d + n + n	17	17	34	20	16	36
d + d + n + n	2	—	2	—	—	—
N + Ad	118	6	124	106	2	108
n + a	100	4	105	85	1	86
n + a + a	2	—	2	2	—	2
a + n	15	2	17	19	1	20
a + n + a	1	—	1	—	—	—
Det + N + Ad	426	1	427	421	—	421
d + n + a	333	—	333	336	—	336
d + n + a + a	11	—	11	15	—	15
d + d + n + a	10	—	10	12	—	12
d + a + n	52	1	53	34	—	34
d + a + n + a	17	—	17	17	—	17
i + a + n + a + a	1	—	1	—	—	—
d + d + a + n	2	—	2	3	—	3
d + a + n + d	—	—	—	3	—	3
n + d + a	—	—	—	1	—	1
Total	2140	481	2621	2156	303	2459

Tabela III

Um mesmo sintagma nominal pode conter até quatro determinantes, não havendo limite teórico para o número de adjetivações.

A Tabela III fornece as freqüências absolutas dos diversos tipos de sintagmas nominais e as variantes seqüenciais efetivamente registradas. Os dados obtidos revelam que, em termos de elaboração sintagmática dos sintagmas nominais há uma grande estabilidade entre os dois grupos. Assim, o índice de adjetivação (número de substantivos dotados de uma ou mais expansões adjetivas é de 21% para o grupo A e de 21,5% para o grupo B. O índice de deslocamento dos elementos facultativos — anteposição dos Ad e posposição dos Det — é de 3,9% para o grupo A e de 3,8% para o grupo B.

As estruturas que a priori poderiam ser consideradas as mais usuais (*n*; *n + n*; *d + n*; *d + d + n*; *d + n + n*; *d + d + n + n*; *n + a*; e *d + d + n + a*) totalizam, para os substantivos comuns, 90% no grupo A e 90,8% no grupo B. Como era de se presumir, estas cifras, para os nomes próprios, se elevam respectivamente para 98,5% e 99,3%, dado que a adjetivação do nome próprio constitui uma construção mais elaborada. No que diz respeito aos quatro grandes tipos de estrutura, os valores do Khi Quadrado indicam desvios não significantes exceto para a estrutura N no grupo B, e um

desvio próximo do limiar de 0,05 de probabilidade para a mesma estrutura no grupo A (3,960 e 3,702 respectivamente)

Registra-se, contudo, um caso em que a diferença distribucional é altamente significativa: a determinação do nome próprio, que no grupo A se dá em 15,4% das ocorrências e no grupo B em 34,7%, sendo o Khi Quadrado superior a 15. Tal fato parece ser mais uma decorrência da estrutura de relações sociais entre os personagens, mais familiares e estáveis no grupo B, familiaridade que tem como marca morfo-sintática em português o artigo definido introduzindo o nome. Ainda quanto aos nomes próprios, observe-se sua quase inexistência em estruturas do tipo N + Ad e Det + N + Ad e, por outro lado, sua elevada incidência em estruturas de tipo N (em média mais de 75% das ocorrências de nome próprio) Como se verá adiante, este último fato se deve ao emprego muito frequente do nome próprio como vocativo, função em que, mesmo no tratamento familiar, não vem acompanhado de determinação (4)

Os substantivos das revistas em quadrinhos foram ainda examinados tendo em vista a função sintática dos sintagmas nominais de que são núcleos. Via de regra, a função sintática é definível pelo contexto lingüístico de atualização (posição, presença ou ausência de relatores, etc.) No entanto, a linguagem dos quadrinhos buscando reproduzir a do diálogo em nível informal, observa-se com certa frequência que um ou mais elementos contextuais se encontram em situação exterior à sequência em exame, seja numa fala precedente, seja na própria imagem. Nos casos em que não foi possível determinar, a partir da situação, a função sintática da unidade, esta foi contabilizada na rubrica *indeterminado* (vide Tabela IV).

Além das funções sintáticas propriamente ditas — sujeito, objeto, agente da passiva, circunstancial, etc. — anotamos em separado as ocorrências em que a correlação forma ~ conteúdo é rompida, em construções do tipo *um bocado de força*, em que *força* é sintaticamente subordinado, mas semanticamente nuclear. Observou-se, ainda vir o substantivo em funções não sintáticas, como vocativo, eco à fala de outro personagem, ou, ainda, como apelo, grito, etc.

Distribuição funcional dos substantivos

	Grupo A			Grupo B		
	Comuns	Próprios	Total	Comuns	Próprios	Total
Sujeito	336	96	432	266	59	325
Objeto Direto	576	37	613	631	13	644

(4) — Cumpre assinalar que, nas listagens, não distinguimos nomes próprios de personagens de outros tipos de nomes próprios.

Objeto Indireto	78	15	93	70	8	78
Predicativo	161	20	181	203	9	212
Predic. do Objeto	1	—	1	3	—	3
Agente da Passiva	15	4	19	6	1	7
Adjunto Adnominal	271	43	314	226	21	247
Aposto	7	4	11	2	1	3
Adjunto Adverbial	470	45	515	463	21	484
Vocativo, Apelo, etc.	120	215	335	172	164	336
Função ≠ Conteúdo	5	—	5	20	2	22
Indeterminado	100	2	102	94	4	98
Total	2140	481	2621	2156	303	2459

Verifica-se, de imediato, que em sua maioria absoluta (cerca de 80% das ocorrências) os substantivos são empregados numa função sintática clara. Opondo-se estes aos vocativos, apelos, gritos e de função indeterminada verifica-se que os substantivos comuns apresentam uma distribuição entre os grupos sem variações que constituam desvio significante (Khi Quadrado respectivamente de 2,255 e de 2,237 para os grupos A e B). Na distribuição dos nomes próprios, porém, registra-se, no caso do grupo B, um Khi Quadrado de 4,767, o que permite rejeitar-se a hipótese nula. De fato, no uso lingüístico deste grupo mais de metade das ocorrências de nome próprio são na função vocativa ou apelativa, o que sugere ser este uso eivado de um grau maior de afetividade que o das revistas do grupo A.

Considerando-se apenas as ocorrências de substantivos em função sintática clara, pode-se repartir estas funções em três grandes categorias: sujeito (SN₁); regência do verbo (objeto, agente da passiva) e predicativo (SN₂); e expansões adjetivas e circunstanciais (SN₃). A repartição média geral destas categorias é de 18,1% para SN₁, de 44,3% para SN₂ e de 37,6% para SN₃. Na distribuição entre os grupos, observa-se desvios não significantes para SN₃ (Khi Quadrado de 0,782 para o grupo A e de 0,851 para o grupo B). Já para SN₁ e SN₂ há uma distribuição com desvio significante, o Khi Quadrado sendo respectivamente de 4,474 e de 6,044 para o grupo A e de 4,858 e 6,574 para o grupo B. Registra-se, de fato, uma maior incidência de substantivos sujeitos no grupo A (19,8% contra 16,2% para o grupo B) e uma relação inversa para SN₂ (41,6% para o grupo A e 47,1% para o grupo B). Embora não tenhamos dados sobre os vocábulos gramaticais, é de se supor que a função sujeito, sendo um dos constituintes obrigatórios da estrutura oracional do português, deve vir atualizada em proporções bastante equivalentes nas revistas de ambos os grupos. A maior incidência de substantivos nesta função no grupo A sugere, assim, um índice maior de pronominalização

ou referência ao sujeito pela desinência verbal nas revistas no grupo B. Seria, ainda, o caso de se verificar a participação da imagem na designação dos seres participantes da relação actancial.

Quanto à distribuição das funções SN₂, não parece ser devida ao comportamento específico de um dos tipos de função: calculando-se o Khi Quadrado para as subcategorias mais representativas — objeto direto e predicativo — sobre o total de ocorrências das funções SN₂, obtém-se sempre índices não significantes. Assim, resta como suposição haver nas revistas do grupo B uma maior incidência de verbos intransitivos e/ou de formas imperativas. A se confirmar esta última hipótese, ter-se-ia neste fato mais uma manifestação léxico-sintática do conteúdo temático destas revistas.

Conclusões:

Os dados tratados acima permitem caracterizar o emprego dos substantivos na linguagem das HQ como segue: a) a variedade lexical dos substantivos é relativamente grande (pouco mais de duas ocorrências por vocábulo, em média); b) o índice de adjetivação é relativamente baixo (um substantivo em cinco aparece adjetivado); c) os substantivos aparecem normalmente numa função sintática clara. Mais particularmente, constata-se ser relevante a oposição substantivo comum/nome próprio: a) o índice de repetição é mais elevado para o nome próprio; b) os contextos homossintagmáticos tendem a ser distintos; c) os substantivos comuns e os nomes próprios tendem a exercer funções distintas. Ainda, é relevante a oposição revista infantil/ revista juvenil: a) naquela, os nomes próprios são menos frequentes e mais repetidos; b) nas revistas infantis, o nome próprio é significativamente mais empregado acompanhado do artigo definido; c) nas revistas infantis, o nome próprio aparece na maioria absoluta de suas ocorrências em função não sintática; d) há uma relação entre tipo de revista e tendências no emprego sintático dos substantivos. Ao que parece, as diferenças notadas entre os dois tipos de revista em grande parte se deve a um conteúdo temático distinto e, em especial, ao tipo de relação social que se estabelece entre os personagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANSELMO, Z.A. — *Histórias em Quadrinhos*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- CIRNE, M. — *A Exploração Criativa dos Quadrinhos*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- FRESNAULT-DERUELLE, P. — *La Bande Dessinée — Essai d'Analyse Sémiotique*. Paris, Hachette, 1972.
- MATTOSO CÂMARA, J. — *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- PRETI, D.F. — “Nível Sociolingüísticos e Revista em Quadrinhos” in *Revista de Cultura Vozes* LXVII — 8. Petrópolis, Vozes, 1973.